

RECENSÕES

CALEIDOSCÓPIO

Carlos Fino, *A Guerra em Directo*, Verbo, Lisboa, 2003

Carla Baptista

Carlos Fino, jornalista veterano da RTP, confessa neste seu primeiro livro em mais de 30 anos de carreira que se sente, «por vocação, formação e experiência, sobretudo e antes de mais, um repórter – e não um comentador».

É nessa condição de repórter que as três guerras de que trata esta obra – a invasão do Afeganistão pelo exército norte-americano em Novembro de 2001, que levou ao fim do regime *taliban*; o endurecer do clima de guerrilha e insegurança permanente que se vive em Israel e na Palestina desde que, em Março de 2002, os tanques israelitas arrasaram o campo de refugiados de Jenin, vingando um atentado suicida cometido na véspera; e a tomada do Iraque pela coligação liderada pelos Estados Unidos, em Abril de 2003 – são contados.

Carlos Fino, excelente repórter, vive a urgência e a excepcionalidade do momento histórico que testemunha, capta as imagens e os depoimentos que melhor ilustram a percepção desse *aqui e agora*.

Mesmo quando a sua costela *menor* de comentador o puxa para divagações mais ou menos doridas sobre a precariedade e o sentido do trabalho dos jornalistas em situação de conflito armado, ao ponto de ele chamar a um dos capítulos – *Na linha da frente – a ficção da notícia* – essas reflexões nunca abrandam a febre do repórter pelos «vivos», incluindo aqueles onde nada de relevante se passa.

Confinado, durante mais de três semanas, em circunstâncias duríssimas – uma casa precária partilhada com outros jornalistas, condições mínimas de habitabilidade e higiene, uma paisagem desértica, varrida por tempestades de areia e gélidos ventos nocturnos – ao Nordeste do Afeganistão, onde funcionava a

sede administrativa da Aliança do Norte (um exército composto por diversas minorias étnicas hostis aos *taliban*), sem operador de câmara, Carlos Fino foi fazendo directos ao telefone para a RTP, na perfeita consciência de que o verdadeiro teatro de operações se passava a centenas de quilómetros dali, junto a Cabul.

Para já, pensa o repórter nesse lugar perdido e empoeirado chamado Khoja Bahaudin onde as casas são escavadas no chão, as mulheres mostram apenas os olhos e a noite cai como breu, escura e fria – «não se passa grande coisa, mas as redacções querem o tema no ar, cada estação quer mostrar que foi a primeira ou já tem no local o nosso enviado especial ao Afeganistão». Embora se interrogue ironicamente sobre a utilidade dessa prática do directo diário, Carlos Fino nunca deixa de «prestar homenagem, oficial culto a este novo Deus que é a informação em tempo real».

Não desafia as regras impostas por um sistema mediático assente na espectacularização da informação mais do que no seu tratamento, fazendo, por exemplo, como a equipa da televisão estatal finlandesa cuja história tão exemplarmente conta – questionados pelo coordenador belga do centro (improvisado) de telecomunicações montado pela EBU, o consórcio de televisões públicas europeias que assegura os meios de transmissão via satélite, se não desejam marcar directos, os finlandeses respondem, genuinamente espantados: «Há algum desenvolvimento?» Perante a resposta negativa, respondem: «Nesse caso, não queremos. Já filmámos o que queríamos, partimos amanhã».

A segunda parte do livro, que relata a experiência em Israel e nos territórios árabes adjacentes, é um verdadeiro trabalho de reportagem, porque neste caso existia uma relativa liberdade de movimentos, obviamente condicionada pelas restrições impostas pelo exército israelita, mas suficiente para

RECENSÕES

CALEIDOSCÓPIO

possibilitar o tal relato justo e equilibrado a que os jornalistas estão obrigados.

Carlos Fino e o seu operador de imagem (desta vez, também existia!) esforçam-se por ir a todo o lado: entram na casa das famílias palestinianas e visitam os confortáveis colonatos judeus, assistem a actos religiosos em mesquitas e sinagogas, percorrem as ruas destruídas de Jenin, onde os tanques israelitas, ao contrário do que dizem os seus porta-vozes militares, parecem ter entrado «com a intenção de destruir a propriedade, causar sofrimento, humilhar».

Carlos Fino recolhe o testemunho exemplar de Romeu, um jovem soldado israelita de origem brasileira – «É muito complexo, você não tem como dividir as coisas. A gente, para perseguir os terroristas, entra numa cidade e acaba destruindo ruas, atrapalhando as pessoas que só querem ter uma vida normal. Não tem nenhum soldado aqui, do mais baixo ao mais alto escalão, que não tenha problemas de consciência com o facto de você ter de entrar em casa de pessoas que às vezes não têm nada que ver com a bagunça».

Percebe-se, ao longo das páginas deste livro cheias de relatos emocionantes deste teor que, embora não seja um sentimental, o autor não pode deixar de expressar uma atitude moral, condenatória da própria guerra.

Quando, nos dias que antecederam a conquista de Bagdade, a equipa da RTP testemunhou nas alas de queimados dos hospitais da capital iraquiana, os horrendos efeitos que as toneladas de bombas americanas provocavam na pele, no rosto, nos corpos amputados de centenas de civis, a interrogação do repórter vem cheia de espanto e revolta: «Porquê e para quê?».

Pena é que esses momentos de verdadeiro testemunho passem no livro como incidentes com a mesma relevância que as estórias sobre as refeições que existem ou não existem nos

hotéis-abrigo ou as aventuras, angústias e dores do próprio jornalista para chegar e trabalhar a partir dos locais a que se propõe chegar.

Essa é uma escolha política a fazer, mais do que deformação profissional imposta por anos e anos de participação nessa «tribo» endurecida dos repórteres internacionais, habituados a subornar guardas para passar fronteiras perigosas, a resolver, por vezes, intransponíveis dificuldades técnicas e logísticas, a desembaraçarem-se sozinhos embora mantendo sempre uma atitude solidária que é indispensável à própria sobrevivência.

A terceira e última parte do livro, relativa à invasão do Iraque pelos Estados Unidos, que Carlos Fino acompanhou demoradamente, é justamente aquela em que esse triunfo do directo mais debilidades abre no campo do comentário.

Legitimamente envaidecidos pelo «furo mundial» de terem sido a primeira estação de televisão a dar a notícia dos primeiros bombardeamentos americanos sobre Bagdade, os jornalistas da RTP precipitam-se para o vídeo-fone de forma quase compulsiva. Exemplo disso é o relato feito momentos depois de um míssil disparado por um tanque americano ter atingido o 15º andar do Hotel Palestina, que albergava a maioria dos jornalistas ocidentais, matando dois e ferindo outros três com gravidade. Tendo sentido o impacto da explosão no seu próprio quarto, Carlos Fino pega no telefone e relata esse episódio «quase em directo», antes mesmo de tentar averiguar o que se estava a passar.

A possibilidade de comunicar quase sem limites, a extensão e a frequência dos directos, torna ainda mais premente a necessidade de reflectir sobre os critérios editoriais que presidem à escolha e divulgação da informação. Num mundo investido e espelhado por tantas imagens, muitas falsas e encenadas, não será preferível adoptar filtros de selectividade que, tal como os incómodos colete anti-bala

RECENSÕES

CALEIDOSCÓPIO

protegem (relativamente) o corpo dos jornalistas, também possam salvaguardar a pertinência da informação transmitida?

Este livro não deixa, porém, de ser um relato precioso, por vezes quase dilacerante no reconhecimento angustiado da vulnerabilidade do jornalista em cenários tremendos de perigosidade física e psicológica, e um contributo muito útil para debater exactamente as questões que acima enunciamos. Podemos dizer que, no caso de Carlos Fino, escrever mais livros se torna quase um imperativo de serviço público pois poucos, em Portugal, terão tido a coragem, o privilégio e a possibilidade de ser testemunha de alguns dos grandes acontecimentos que mudaram o mundo.